

A ESCOLA ETNOLÓGICA DE VIENA

ERIKA PURSE

Este rápido estudo do desenvolvimento e do estado atual da Escola Etnológica de Viena tem por objetivo fundamental o de contribuir para se desfazerem os tão frequentes erros e enganos que, sobre essa escola, estão difundidos especialmente nos países de língua não-germânica.

Não se procura dar aqui nenhuma definição de antropologia cultural ou etnologia, mas cumpre declarar, logo de início, que os atuais representantes da Escola de Viena ampliaram consideravelmente a definição original apresentada pelo Padre W. Schmidt, fundador da escola. Segundo este, a etnologia estuda todos os aspectos das culturas de povos primitivos de um ponto de vista histórico-cultural, ao passo que a nova tendência é a de se incluírem as estruturas complexas de várias sociedades letradas com referência a estratos básicos mais primitivos.

No conjunto dos estudos antropológicos, a Escola de Viena seguiu orientação própria. Para se compreender bem a sua origem e a sua missão, é preciso esboçar, preliminarmente, a situação da ciência na segunda metade do século passado. Encarando o desenvolvimento da humanidade, sob a influência de idéias evolucionistas extremas, exclusivamente do ponto de vista da história natural, admitia-se ter havido evolução em direção unilinear a partir de primitivíssimo estado de animalidade e em sentido cada vez mais "humano". Tal teoria, destituída de qualquer apóio em fatos, era simples aplicação apriorística de tendências filosóficas da época. Forçava-se a cultura, como a história, para fazê-las entrar em sistemas estabelecidos para as ciências naturais e concebidos como válidos com relação a eternas leis da natureza. A teoria da unidade psicológica da natureza humana, aplicada com excessiva liberdade e sem discriminação, dispunha, com as chamadas "idéias elementares" de Bastian, de fácil recurso para explicar quaisquer semelhanças entre culutras, por distantes que fossem as áreas destas; propugnava-se a opinião de que, em circunstâncias razoavelmente similares, a natureza humana há de produzir sempre padrões culturais parecidos. Não tardou, porém, que alguns cientistas se insurgissem contra a aplicação unilateral dos princípios usados no domínio das ciências naturais. F. Ratzel e L. Frobenius foram os primeiros, na Alemanha, a apontarem, no quadro de referências duma concepção histórica geral, a importância das migrações e dos contactos culturais.

Com essa tomada de consciência surgiu a necessidade de critérios definidos para a determinação dos contactos. Foi aí que um historiador,

F. Graebner, apresentou em momento oportuno um sistema de notável clareza metodológica, aprofundado e modernizado mais tarde pelo Padre W. Schmidt e difundido nos países de língua inglesa pelo Padre A. Sieber, S. V. D.

As origens da Escola Etnológica de Viena remontam propriamente ao ano de 1906, em que o Padre Wilhelm Schmidt, que reconheceu o valor do esquema metodológico e filosófico de Graebner, fundou o "Anthropos", revista internacional de etnologia e linguística, entre cujas finalidades se destacavam as seguintes: 1) estudos comparativos minuciosos de diferentes culturas primitivas; 2) sobre a base das semelhanças assim encontradas, a determinação de contactos culturais, a ser substantiada, depois, com auxílio dos critérios de forma e de quantidade. Nos casos em que as semelhanças abrangessem todos ou, ao menos, os principais aspectos das culturas, aplicar-se-ia o conceito de *Kulturkreis* (círculo cultural). Fundamentalmente, esses *Kulturkreise* consistiam num conjunto de culturas tribais originárias, que, em virtude de migrações por toda a face da terra, haviam alcançado distribuição global, mas que hoje subsistem apenas em forma de fragmentos. Pela reconstituição dessas culturas, tidas como as mais antigas, esperava-se reduzir a umas poucas configurações básicas a estonteante multiplicidade das existentes na atualidade. Ademais, esperava-se pôr essas culturas em relação cronológica, determinando estratos culturais.

Embora não fosse perfeito esse método, hoje bastante modificado, conferiu, pelo menos enquanto método e, em especial, no tocante aos *Kulturkreise*, nova e proveitosa fundamentação à etnologia, acabando com fúteis especulações sobre rígidas leis naturais evolutivas e com as teorias que davam as descobertas e as invenções culturais como fatos repetidos em cada sociedade. E assim como a seu tempo o método veio indicar o caminho a uma ciência perdida num matagal de sistemas alheios a seu objeto, deve ele distinguir-se hoje por flexibilidade suficiente para corresponder a novas tendências e atender a novos conhecimentos, necessidade cedo reconhecida, aliás com espírito magnânimo, pelo próprio Padre Schmidt, autor das principais contribuições duradouras trazidas pela escola.

Quais eram, porém, as considerações básicas a que remonta o método da etnologia histórica elaborado por Graebner? Para o etnólogo de orientação histórica não há povo sem história. As sociedades primitivas possuem, em suas tradições orais, um relato, embora superficial, de seu passado. Não obstante, para o conhecimento de sua história existem fontes de valor incomparavelmente superior a essas tradições, deturpadas por mitos e lendas; são as migrações e os contactos culturais. Partindo daí, Graebner desenvolveu seus critérios metodológicos para o estudo dos contactos culturais e da cronologia relativa, dando-lhes forma precisa e final. Pela falta de relatos escritos, as relações e contactos culturais assumem especial importância nas investigações de natureza histórico-comparativa. Graebner atribuiu, por isso, importância máxima aos critérios de relação.

Distinguiu entre critérios primários e secundários. Os primários são o de forma e o de quantidade, sendo este necessariamente fator de reforço com relação àquele. Se estão satisfeitas todas as condições especificadas nos critérios, dispõe-se de base para a determinação de estratos culturais ou *Kulturkreise*. Além disso, Graebner propugnou o princípio da interpretação indireta sobre a base dos resultados histórico-culturais combinados. É interessante notar que nem todos os esquemas de *Kulturkreise* assim obtidos são hoje obsoletos; verificou-se que precisamente os estratos culturais e religiosos mais antigos são bastante corretos, e provavelmente serão tidos como tais daqui para o futuro, ao menos em seus aspectos essenciais. A crise do sistema dos *Kulturkreise*, primeiro assinalada por Koppers, já no ano de 1931, é hoje fato indiscutível, mas, qualquer que seja o ponto de vista adotado, não há como negar a importância do fator tempo nas questões antropológicas, aliás incisivamente formulada por Lowie: "mesmo os extremistas (adversários da cronologia) fazem entrar por contrabando uma cronologia em seus sistemas, pela simples razão de não se escapar à categoria tempo". Graebner procurou elaborar uma cronologia sobre a base da posição recíproca dos diferentes estratos e de sua distribuição no espaço geográfico. E com toda razão negou-se a encarar um relativo primitivismo como sinal de grande antiguidade, de vez que a simplicidade duma cultura pode muito bem ser fenômeno secundário.

O Padre Schmidt, que adotou os métodos de Graebner em seus próprios estudos de linguística comparativa, não tardou a encontrar ardente discípulo e colega na pessoa de seu ex-aluno Padre W. Koppers, atual diretor do Departamento de Etnologia da Universidade de Viena, e a eles se juntaram outros confrades da Congregação do Verbo Divino residentes em São Gabriel, perto de Viena.

A cooperação entre os dois eminentes cientistas Schmidt e Koppers culminou na publicação de sua obra conjunta "*Völker und Kulturen*" (Povos e culturas), que, despertando grande atenção na época, é ainda hoje rica mina de informações, embora antiquada em vários pontos à vista de fatos vindos a lume posteriormente. O volume encerra um quadro completo do estado em que se encontravam as pesquisas relativas aos *Kulturkreise*, tentando uma divisão de culturas em: 1) originárias (sociedades de coletores e caçadores), 2) primárias (caçadores patriarcais com totemismo, agricultura matriarcal primitiva e pastores patriarcais) e 3) secundárias (diversas culturas complexas e mistas, base das altas-culturas).

A Escola Vienense conquistou foros universitários em 1924, quando os Padres Schmidt e Koppers, este último ao regressar de sua pesquisa na Terra do Fogo, passaram a lecionar antropologia na Universidade, de Viena; a criação do Departamento de Etnologia da Universidade, em 1928, veio conferir definitivamente o caráter de escola à antropologia cultural austríaca.

Uma de suas maiores realizações é a obra monumental "*Der Ursprung der Gottesidee*" (A origem do conceito de Deus) do Padre

Schmidt da qual até o presente se publicaram 12 volumes. É um feito excepcional tanto pelo domínio do material e incorporação dos fatos, como pelo vigor do espírito e capacidade de intuição. Passando em revista copioso material, Schmidt procura provar, nos 6 primeiros volumes, que as mais antigas formas religiosas da humanidade se caracterizam por monoteísmo relativamente puro. Nos volumes subsequentes trata das crenças de pastores nômades da África e da Ásia; o estudo da significação cultural e histórica desses povos constituiu, aliás, preponderante preocupação científica em grande parte de sua vida.

Koppers tomou parte saliente na investigação etnológica do complexo problema indo-europeu, dedicando-se mais tarde a questões de importância geral, metodológica e a assuntos indianos especiais. Realizou trabalhos de campo na Terra do Fogo e em algumas áreas tribais da Índia, onde pesquisou sobretudo problemas religiosos. Chegou a conclusões revolucionárias sobre a Índia pré-ariana e pré-dravídica mormente com referência aos aspectos religiosos. Presentemente, Fürer-Haimendorf e o Padre St. Fuchs estão levando avante os estudos indianos de seu antigo professor.

A arqueologia e a etnologia da Ásia Sul-Oriental e do Extremo Oriente, como da Oceania, e ainda a antropologia geral, estão representadas com notável eficiência pelo Professor R. Heine-Geldern, um dos poucos membros da escola que também escrevem em inglês, de modo que os seus estudos lograram mais ampla divulgação. Preocupa-se hoje principalmente com as antigas conexões entre a Ásia Menor e a China, as chamadas culturas megalíticas e as relações culturais precolombianas entre o Velho e o Novo Mundo por viagens transoceânicas. Heine-Geldern descobriu numerosas concordâncias entre as culturas do México, dos Andes e de outras áreas americanas, de um lado, e diversas culturas asiáticas e oceânicas, do outro. Discutidas no Congresso Internacional de Americanistas, em 1949, essas descobertas provocaram, entre os cientistas americanos, notável mudança de opinião no que se refere à origem das culturas indígenas da América.

O Professor D. J. Woelfel é conhecido por seus estudos etnológicos, linguísticos e pré-históricos sobre a antigo Mediterrâneo, a África Ocidental e a Europa pré-indo-européia, ao passo que o Professor J. Haekel, principal representante da nova geração de etnólogos da escola, empreendeu investigações sobre questões de interesse geral (totemismo, matrilinearidade, casas-de-homens, etno-sociologia) e áreas especiais (América, Austrália, Sibéria e África).

A Sibéria e a Ásia Central constituem, ainda, o campo de trabalho do Professor F. Hancar, que elucidou uma série de problemas regionais, e do Dr. K. Jettmar, especializado na etnologia e prehistória daquela área.

Quanto ao Extremo Oriente, o Dr. A. Slawik realizou pesquisas etnológicas e linguísticas no Japão e na Coreia; está elaborando minuciosa monografia sobre a cultura dos Ainu. O Dr. W. Graf se dedica a problemas de etnologia musical.

Ao lado desses famosos cientistas, que atualmente lecionam na Universidade de Viena, cumpre mencionar outros, empenhados em trabalhos de campo ou contratados como professores de outras universidades. São eles o Professor M. Gusinde (Estados Unidos da América do Norte), P. Schebesta (pesquisas sobre o problema pigmeu), e o Pe. St. Fuchs (Índia), o Pe. von Bulk (Congo Belga), o Pe. Hermann (Tibet), o Professor Ch. von Furer-Haimendorf (School of Oriental and African Studies, Londres e Índia) e o Dr. St. Wurm (Turcological Centre, Londres). Os expoentes estrangeiros da Escola de Viena são os cientistas japoneses Professores Oka Masao, Ishida Eiichiro e Padre Numazawa Francis Kiichi.

Deve-se avaliar como expressivo índice de vigor e salutar disposição crítica o fato de que a escola, em vez de se contentar complacente com os resultados anteriores, está pronta, a qualquer momento, a modificar ou, se necessário, reconsiderar inteiramente esses resultados. Principalmente a concepção dos *Kulturkreise* sofreu nos últimos anos mudança considerável. Também o problema dos pastores, as teorias sobre o totemismo, a origem de complexas altas-culturas e o problema pigmeu são hoje encarados de maneira fundamentalmente diversa. O método, por sua vez, alcançou maior refinamento e precisão no emprego de certos critérios e idéias básicas. A fundamentação continua sendo a histórica, mas evidenciou-se a necessidade de considerar, mais do que até o presente, outros ângulos (o funcional, o estrutural) e atender às orientações culturais. No primeiro plano estão hoje os problemas da estabilidade e mudança de fenômenos culturais, o da convergência ou origem independente de invenções culturais e o processo de aceitação de elementos estranhos.

Resumindo, por fim, as conclusões a que chegou a Escola Etnológica de Viena (deixando de lado o controvertido esquema dos *Kulturkreise*), servimo-nos amplamente do trabalho do Padre Koppers "The Historical Thought in Ethnology and Prehistory" (*Kultur und Sprache*, vol. IX dos *Wiener Beiträge zur Kulturgeschichte und Linguistik*, dedicado ao IV Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas; Viena, 1952), destacando os seguintes pontos:

1. Entre os chamados povos primitivos e o resto da humanidade há diferenças apenas graduais, não fundamentais.
2. A etnologia não é disciplina do setor das ciências naturais, cujos princípios teóricos, por conseguinte, não se aplicam a ela.
3. As leis que regem a natureza não são encontradas na história, nem na etnologia.
4. Não se deve exagerar a importância dos fatores geográficos; em última análise, a cultura não é criação da natureza e do ambiente, mas do próprio homem.
5. A teoria das "idéias elementares", bem como a "lei dos três estados" (caçadores-pastores-agricultores, nesta sequência), devem ser repudiadas.

6. A teoria da mentalidade a-ou-prelógica dos chamados primitivos, sempre rejeitada pela Escola de Viena, foi afinal abandonada pelo próprio Lévy-Bruhl, seu autor.

7. As teorias da promiscuidade primitiva e da precedência da matrilinearidade, defendidas por Bachofen e Morgan, não se podem mais sustentar. Pelo que se pode saber hoje, a família monógama e bilateral se encontra no princípio do desenvolvimento humano.

8. Também na sociedade primitiva é de grande importância o papel do indivíduo.

9. Isto se aplica igualmente aos povos prehistóricos.

10. É de máxima importância a investigação das relações culturais.

11. Este ponto de vista, que só em época recente mereceu a necessária atenção, é consequência lógica da falta de relatos escritos.

12. Impõe-se a necessidade de esforço contínuo no sentido de se compreenderem também os aspectos cronológicos e causais dos problemas.

13. Lowie concorda essencialmente com Schmidt, quando este afirma a existência e a significação do conceito de Deus em especial nas sociedades relativamente mais primitivas e mais antigas.

14. Nessas sociedades a propriedade individual e familiar é pelo menos tão manifesta como em outras, mais adiantadas.

15. Como consequência necessária do fato, hoje reconhecido por quase todos os especialistas, de que a história cultural da humanidade constitui um todo, nada obsta, em princípio, a que se estabeleça paralelismo entre a etnologia e a prehistória.

16. O emprêgo de tal processo requer, porém, máxima cautela, principalmente porque os prehistoriadores dispõem apenas de pequeno setor, ergológico, da respectiva cultura e, além disso, pelo fato, evidenciado pela etnologia, de que os elementos materiais e não-materiais duma cultura nem sempre se encontram no mesmo nível de desenvolvimento. Não há, pois, como admitir a existência de formas sociais, religiosas e linguísticas rudes, somente por causa da primitividade dos artefatos encontrados em determinada cultura.

17. É sobretudo para os mais antigos períodos da cultura humana que a etnologia socorre à prehistória, porquanto a família e organização tribal, educação, direito, propriedade, língua e religião, para mencionar apenas alguns aspectos, podem ser encarados em analogia com os dados etnológicos.

18. Difícilmente se porá em dúvida a opinião, bem fundada pela ciência, de que o ser humano mais antigo era realmente homem em toda a extensão da palavra.